



PREFEITURA MUNICIPAL DE
GUARAMIRANGA
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Edital: 02/2019

AVALIAÇÃO ESCRITA

Processo Seletivo: Bolsas de Monitoria destinadas a voluntários para atuar como Monitores do Transporte Escolar e Cuidador da Educação Especial.

CARGO:

() BOLSAS DE MONITORIA DESTINADAS A VOLUNTÁRIOS PARA ATUAR COMO MONITORES DO TRANSPORTE ESCOLAR

() BOLSAS DE MONITORIA DESTINADAS A VOLUNTÁRIOS PARA ATUAR COMO CUIDADOR DA EDUCAÇÃO ESPECIAL.

Assinatura do Candidato:

ORIENTAÇÕES:

- I. Verifique se neste caderno de provas está completo, ele deve conter: dez (10) questões de Matemática e Raciocínio Lógico Matemático e dez (10) questões de Língua Portuguesa.
- II. Todas as questões possuem apenas uma única opção correta como resposta.
- III. Somente será considerada para efeito de correção a folha de gabarito que deve ser preenchida sem rasuras ou emendas.
- IV. O candidato deverá sobre pena de eliminação seguir criteriosamente as orientações contidas no Edital 02/2019 da Secretaria Municipal da Educação.

AVALIAÇÃO DE MATEMÁTICA E RACIOCÍNIO LÓGICO MATEMÁTICO

01) A metade de um terço do salário de Pedro é igual a R\$ 200,00. Portanto, o salário de Pedro é:

- a) Maior que R\$ 1.250,00
- b) Menor que R\$ 1.150,00

- c) Um valor entre R\$ 1.150,00 e R\$ 1.180,00
- d) Exatamente R\$ 1.200,00

02) Uma empresa de cosméticos dividiu sua linha de perfumaria em três tipos de produtos: perfume, colônia e desodorante. Após a divisão percebeu-se que há 35 colônias, 22 desodorantes e 14 perfumes. Sabendo que há 60 produtos nessa área, um produto pode ser colônia e desodorante ao mesmo tempo e perfumes não podem ser colônias nem desodorantes. O número de produtos que são desodorantes e colônias são:

- a) 8.
- b) 11.
- c) 12.
- d) 14.

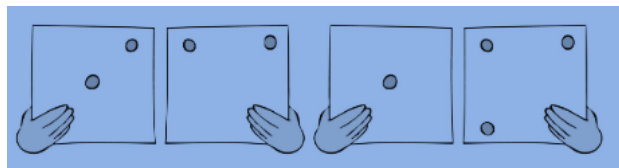
03) Na tabela há um número escondido na casa preenchida com a cor cinza e a soma dos números da primeira linha é igual à soma dos números da segunda linha. Qual é o número escondido?

									3

- a) 1995
- b) 1997
- c) 1999
- d) 2001

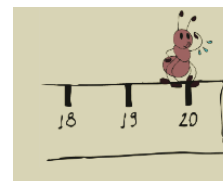
04) Matheus desenhou bolinhas na frente e no verso de um cartão. Ocultando parte do cartão com sua mão, ele mostrou duas vezes a frente e duas vezes o verso, como na figura. Quantas bolinhas ele desenhou?

- a) 3
- b) 4
- c) 5
- d) 6



05) Uma lagartinha andou sobre uma a borda de régua, da marca de 6 cm até a marca de 20cm. Ela parou para descansar na metade do caminho. Em que marca ela parou?

- a) 11 cm
- b) 12 cm
- c) 13 cm
- d) 14 cm



Fonte: http://www.obm.org.br/provas_static/2011/sf1n1-2011b.htm#

06) Em uma gaveta de armário de um quarto escuro há 06 camisetas vermelhas, 10 camisetas brancas e 07 camisetas pretas. Qual é o número mínimo de camisetas que se deve retirar da gaveta, sem que se vejam suas cores, para que se tenha certeza de ter retirado duas camisetas de cores diferentes.

- a) 11 camisetas
- b) 12 camisetas
- c) 13 camisetas
- d) 14 camisetas

07) Sabendo que a família de seu João adora matemática a ponto de utilizarem equações para o calculo de suas idades, calcule a idade de João e de seu filho Marcos, contando que a idade do pai é o triplo da idade do filho e que juntos somam 72 anos.

- a) Pai 56 anos e filho 18 anos
- b) Pai 57 anos e filho 27 anos
- c) Pai 56 anos e filho 16 anos
- d) Pai 54 anos e filho 18 anos

08) Uma gravura de forma retangular, medindo 20 cm de largura por 35 cm de comprimento, deve ser ampliada para 1,2 m de largura. O comprimento correspondente será:

- a) 0,685 m
- b) 1,35 m
- c) 2,1 m
- d) 6,85 m

09) Qual o valor exato da equação a seguir: $5^2 : 5 + 6 : (5 - 2) - \sqrt{9}$

- a) 4
- b) 5
- c) 6
- d) 7

10) João vendeu um carro esportivo com prejuízo de 10% sobre o preço de venda.

Admitindo-se que ele tenha comprado o produto por R\$264.000,00, o preço de venda foi de:

- a) R\$ 238.000,00
- b) R\$ 240.000,00
- c) R\$ 242.000,00
- d) R\$ 245.000,00

AVALIAÇÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o texto abaixo.

Pequenas grandes angústias cotidianas

O telefone toca e você já olha preocupado, porque telefone tocando não costuma ser coisa boa. Nunca foi. Você já até se acostumou. Notícia boa chega via WhatsApp, via e-mail [...]. Ninguém com boa intenção pega o telefone, disca [...], espera chamar, fala “alô”. Ninguém liga para ninguém hoje em dia.

O telefone toca, você ainda olha preocupado. Vê o número. Você não conhece. Claro, ninguém conhece número de ninguém [...]. Mas aí aparece o nome também. É conhecido. Não se veem há um tempo. Gente boa o sujeito. Por onde será que ele anda? [...]

O telefone toca mais uma vez. [...] Melhor atender. Porque se não atender o sujeito vai saber que você deixou de atender ao telefonema dele. E vai ficar esperando você retornar. Você não vai retornar, porque nunca retorna telefonema. Para ninguém. [...]

Então você atende e não fala “Alô?”. Já dispara: “E aí meu Camarada?”. Mas não um “E aí meu Camarada?” irritado. Não um “E aí meu Camarada?” falso. Vem um “E aí meu Camarada?” moleque. Você até sorri. [...] Viu? Deu tudo certo. Você conseguiu atender ao telefone. Nem foi tão difícil. [...]

Mas não. É voz de mulher. Você já pensa que fez alguma bobagem, claro. Essas coisas costumam sempre ser culpa sua. Colocou o nome de uma pessoa com o telefone de outra na agenda do celular. [...] Mas não foi você quem errou. Na verdade, você acertou. Cadastrou o número do celular e o número do fixo do camarada no mesmo contato. E agora é a mãe do camarada no telefone fixo. [...]

Ela quer falar com você. Sobre sua irmã. O que é bem complicado, porque você não tem irmã. Não que saiba, pelo menos. [...] O assunto está complicado. Ela conhece sua irmã da aula de porcelana. Ficou sabendo que ela está doente. [...] Sorte que você não tem irmã, tem quase certeza disso. [...] Então não é sua irmã que está doente. Tenta explicar. Fala que sim, que você é você mesmo, o camarada amigo do filho dela. Mas que não, você não tem irmã. [...]

Você desliga o telefone. Confere o WhatsApp para ver se seu amigo, por acaso, mandou alguma mensagem. Mas não. [...] Talvez ligue para o camarada só para ver como ele está e despreocupar. Melhor não. Passa um e-mail. Assim resolve. Ninguém liga mesmo para ninguém hoje em dia.

GOETTENAUER, Carlos. Disponível em: <<http://www.estadocronico.com.br/2015/04/pequenas-grandes-angustias-cotidianas.html>>. Acesso em: 11 set. 2017. Fragmento. (P121519H6_SUP)

01) O conflito gerador desse texto ocorre quando:

- a) O assunto com a mulher começa a ficar complicado.
- b) O narrador atende à ligação da mulher.
- c) O narrador confere se o amigo mandou mensagem.
- d) O telefone do narrador começa a tocar.

02) Infere-se que o narrador desse texto:

- a) Costuma registrar números de telefone errados.
- b) Esquece-se de retornar ligações.
- c) Evita falar ao telefone.
- d) Lembra-se de um segredo.

Leia o texto abaixo.

Fotos no celular? Socorro!

Lançamento de novela. Festa. Imprensa. Emoção. Minha obra! Um garçom, alguns metros à frente, passa com uma bandeja de água e refrigerantes. Morro de sede. Quero um refrigerante. Dou um passo. Uma jovem aproxima-se sorrindo, celular na mão.

– Posso fazer uma foto?

Sorrio de volta, expondo todos os meus dentes como um jacaré. Ela clica.

– Ah, desculpa, não saiu boa. Vou fazer outra.

Já proprietária de mim, afasta-me uns metros para uma posição melhor. Clica de novo. Termina. O garçom na direção contrária. Que sede. Alguém me puxa. Celular na mão. Sorrio de novo. E de novo, de novo, de novo. [...]

Acredito que a maioria, hoje, prefere fotografar a desfrutar uma viagem. No exterior, registram monumentos, fazem selfies¹ em frente a paisagens. Mas será que realmente veem a paisagem? Houve um tempo em que se fazia piada dos turistas japoneses. Todos passavam a viagem no clique, clique. A piada acabou, o clique, clique se tornou mundial. [...]

As pessoas publicam fotos e vídeos nas redes sociais o tempo todo. Querem que o universo contemple um café expresso. Se querem mostrar algo, pessoalmente, deslizam as imagens pelo celular, uma atrás da outra. [...]

Contemplo meu próprio aparelho. A memória carregada de fotos. Tornou-se falta de educação não registrar certos momentos. [...] O que vou fazer com tudo isso, apagar? [...]

Corajosamente, falo com meu assistente, Felipe.

– Quero imprimir as fotos do meu celular.

– Ninguém mais faz isso – revolta-se ele.

– Se existe serviço de impressão, é porque fazem.

Assim, neste exato momento, seleciono as fotos que vou imprimir. Depois, o que farei com elas? Talvez um velhinho numa lojinha centenária encontre um álbum de fotografias cheio de poeira. E me venda. [...] Colarei as fotos nas páginas, revivendo a cada uma a emoção. É coisa antiga, sei. Mas não quero abandonar momentos tão bons, família e amigos tão queridos, em algum velho celular descarregado.

*Vocabulário:

1selfies: fotografias que uma pessoa tira de si mesma.

CARRASCO, Walcyr. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/sociedade/walcyr-carrasco/noticia/2017/08/fotos-no-celular-socorro.html>>. Acesso em: 21 set. 2017. Fragmento. (P121481H6_SUP)

03) Um argumento utilizado pelo autor desse texto para defender sua ideia está no trecho:

- a) “Lançamento de novela. Festa. Imprensa. Emoção. Minha obra!”.
- b) “Já proprietária de mim, afasta-me uns metros para uma posição melhor.”.
- c) “Acredito que a maioria, hoje, prefere fotografar a desfrutar uma viagem.”
- d) “Contemplo meu próprio aparelho. A memória carregada de fotos.”

04) Para o autor desse texto, a piada sobre os turistas japoneses acabou por que:

- a) Tirar foto o tempo todo se tornou mundial.
- b) Fotografar é preferível a aproveitar a viagem.
- c) Imprimir fotos digitais é uma coisa antiga.
- d) Publicar fotos passou a ser normal.

Leia o texto abaixo.



NOEL, Marcos. Disponível em: <<https://www.tediado.com.br/11/tirinhas-41/>>. Acesso em: 11 set. 2017. (P121477H8_SUP)

05) De acordo com esse texto, o homem:

- a) Aborreceu-se no trajeto até o curso da mulher.
- b) Deixou a mulher irritada porque esperava na esquina.
- c) Enganou-se com relação ao dia do curso da mulher.
- d) Esforçou-se para lembrar o dia do curso da mulher.

Leia o texto abaixo.

Por que há erros mais errados do que outros?

Quando um "erro de português" já se instalou definitivamente na língua falada pelos cidadãos mais letrados, privilegiados, ele passa despercebido e já não provoca reações negativas – ainda que ele seja condenado pela gramática normativa, a mesma que, supostamente, deveria ser seguida pelas pessoas "cultas". Por isso, há "erros" mais "errados" (ou mais "crassos") do que outros – a escala de "crassidade" é inversamente proporcional à escala do prestígio social: quanto menos prestigiado é um indivíduo, quanto mais baixo ele estiver na pirâmide social, mais erros (e erros mais "crassos") os membros das classes privilegiadas encontram na língua dele. Por outro lado, os falantes urbanos letrados detectam menos "erros crassos" na fala de pessoas de sua mesma origem social, notoriamente privilegiada – quando muito, são tidos como "lapsos", "descuidos" ou "licenças poéticas". Essa mesma condescendência, no entanto, jamais aparece para classificar a fala dos cidadãos das classes desfavorecidas: o mesmo fenômeno, agora, é tachado de "erro crasso" e ponto final. É como afirmava (dizem) Getúlio Vargas: "Para os amigos tudo, para os inimigos, a Lei". Afinal, o que está sendo avaliado não é apenas a língua da pessoa, mas sim a própria pessoa, na sua integralidade física, individual e social. Por isso, não existe propriamente preconceito linguístico, o que existe é um forte, profundo e arraigado preconceito social contra as classes desfavorecidas. E a língua funciona aí exatamente como as redes eletrificadas, as câmeras e as guaritas blindadas usadas nos condomínios privados – separa, isola, vigia e protege.

Voltei a pensar nessas coisas (sobre as quais já escrevi tanto nos últimos anos) num recente almoço de família (minha mãe completou 70 anos: parabéns para ela!). Uma querida prima, sabedora das minhas posições antinormativas no quesito língua, disse que não podia concordar comigo porque alguns "erros" lhe doíam no ouvido e citou o surradíssimo "pra mim fazer": "Fico arrepiada quando escuto isso". Eu apenas sorri, porque não era o lugar nem a hora de expor todos os postulados da sociologia da linguagem. Na continuação da conversa, porém, ela me contou que um vigia não permitiu que ela entrasse num local de exposições onde ela mesma estava montando um estande. "Eu disse então para ele: 'Moço, deixa eu entrar, vai! Deixa eu entrar! Eu trabalho aqui!'" Sorri para mim mesmo (repito: não era hora nem lugar) e pensei: "Por que ela se arrepia com o 'pra mim fazer' e usa tranquilamente o 'deixa eu entrar', se as duas construções são igualmente condenadas pela tradição gramatical, se são dois 'erros'?" A resposta já dei mais acima: porque quando um "erro" se instala definitivamente na fala (e na escrita, mais tarde) das pessoas privilegiadas, ele deixa de ser sentido como "erro" – é o caso do "deixa eu fazer", usado por 111 por cento dos brasileiros. Mas quando ainda não foi incorporado pelas classes dominantes, não tem conversa: é "erro crasso", "dói no ouvido", "causa arrepio". Mesmo quando é empregado por 98 por cento da população (inclusive já muita gente letrada), como o "pra mim fazer". A vida não é uma graça?

06) O principal objetivo do texto é:

- a) Expor o conceito de “erro de português”.
- b) Expor diferentes posicionamentos sobre o tema “erro de linguagem”.
- c) Argumentar que pessoas letradas e cultas seguem com mais rigor a língua padrão.
- d) Argumentar que o conceito “erro” de linguagem tem base social e não linguística.

Leia os textos abaixo.

Texto 01

David Braga, de 14 anos, inventou um aplicativo, o *List-it*, para vender material escolar na internet.

O garoto conta que faz as mesmas coisas que muitas crianças e adolescentes: divide o tempo entre o lazer e os estudos. A diferença é que ele também trabalha. Considerado um empreendedor precoce, a criação de David fatura R\$ 100 mil por mês.

O adolescente criou um aplicativo que agiliza a compra de material escolar sem precisar ir à livraria. O utilizador tem que preencher os campos com o nome do colégio e a série do aluno que todos os itens aparecem assinalados.

“É muito simples: é uma lógica invertida de *e-commerce* (comércio eletrônico), onde as pessoas entram lá e vai estar tudo selecionado. Por isso, a lógica invertida. Então o que ela já tem, apenas ‘desseleciona’”, diz o empreendedor David Braga [...].

A compra do material leva menos de cinco minutos. [...]

“Na hora de comprar um material escolar, dá um certo estresse, né? E ele fez uma coisa muito em-feita [...]. Então achei muito interessante e que vale muito a pena”, afirma a empresária Carla Simões.

[...] o dinheiro é rigorosamente controlado pelos pais, e a renda é quase toda revertida para investimentos futuros. “O plano é todo para reinvestir no próprio negócio dele e no material de trabalho que ele investe”, disse a mãe do adolescente, a empresária Cristiana Peixoto Braga.

Disponível em: <<https://goo.gl/pzpWdm>>. Acesso em: 27 set. 2017. Fragmento.

Texto 02

O estudante Matheus Monte, de 17 anos, [...] levou apenas um mês para desenvolver três aplicativos para celulares S401 e que deverão estar disponíveis globalmente [...]. As ferramentas são: ‘Quanto Gastar’, que possibilita ao usuário o controle da conta de energia elétrica em uma residência; ‘Velocidade Média’, que indica ao atleta seu desempenho durante um trecho de corrida; e ‘Cálculo de Física’, capaz de resolver automaticamente equações da disciplina.

Segundo Matheus, o interesse em desenvolver os próprios aplicativos surgiu quando ele assistiu a uma palestra ministrada por desenvolvedores de software². Então, o aluno iniciou contato com Awdren Fontão Evangelista, da Tecnologias Nokia, que o guiou durante as etapas de desenvolvimento do projeto com duração de cerca de um mês. “Achei interessante ele ter, mesmo com pouca idade, uma boa noção de como trabalhar com o software [...] e criar um aplicativo. O resultado do ‘Quanto Gastar’, por exemplo, ficou muito interessante”, explicou Awdren.

De acordo com o estudante, a parceria foi muito importante para a realização do trabalho. “Essa oportunidade definiu meu futuro. Após três anos de Ensino Médio Técnico em

Informática, encontrei a área com a qual mais me identifiquei. Estou terminando a escola e vou fazer faculdade de Análise de Desenvolvimento de Sistemas [...]", completou. [...]

*Vocabulário: 1S40: tipo de sistema operacional utilizado em telefones celulares. software: conjunto de programas e regras de informática.

Disponível em: <<https://goo.gl/7FjQr3>>. Acesso em: 26 set. 2017. Fragmento.

07) Esses textos têm em comum o fato de:

- a) Abordarem a criação de aplicativos produzidos por adolescentes.
- b) Apontarem as faculdades que os adolescentes planejam cursar.
- c) Destacarem a rapidez na compra de materiais escolares.
- d) Informarem sobre aplicativos de controle da conta de energia elétrica.

Leia o texto abaixo.

Vidas em voo

Senti algo macio movendo-se junto ao meu pé. Estendi a mão, era o gato. O gato do passageiro no assento diante do meu, que até então havia viajado no colo do dono, entrefechados olhos, deixando-se felinamente acariciar.

Estávamos a bordo de um avião.

O dono do gato, soube quando lhe dirigi a palavra comentando a presença inusitada, era um chef italiano. Ia para algum país africano cujo nome não guardei. [...]

A senhora sentada ao lado do chef e do ato animou-se e entrou na conversa. Ela também era italiana. Em algum momento daquele voo noturno, quando descansávamos em pé no corredor, me contou que durante alguns anos fez trabalho voluntário na África [...]. Depois, quando deixou de ir, sofria "mal d'África", que é como os italianos do tempo da colonização definiam uma espécie de [...] saudade intensa daquelas culturas. [...]

Ainda no aeroporto, enquanto esperava o voo que me levaria a conhecer o chef, o gato e a italiana [...], uma moça havia-se aproximado de mim para pedir informação sobre o embarque. Era jovem, magra e valente. [...] E era a sua primeira viagem de avião [...].

Talvez estivesse nervosa, talvez gostasse de conversar. Me contou que há meses procurava trabalho sem encontrar. [...] Então, a irmã, que há anos mora em Luxemburgo, lhe disse: "Vem prá cá". andou a passagem, vai hospedá-la em sua casa, vai ajudá-la a encontrar pequenos serviços, a fazer amizades. [...]

Três vidas me foram narradas brevemente em uma única viagem. [...] Três vidas em movimento, três vidas voltadas para a frente.

Havia cerca de 300 passageiros naquele avião. Olhei os corpos derreados¹ no sono [...], e pensei que cada uma daquelas pessoas tinha riquezas semelhantes a contar. Não existem vidas insignificantes. Cada vida é um universo estelar em que outras vidas orbitam com seus temores e seus amores. [...]

*Vocabulário: 1derreados: cansados.

COLASANTI, Marina. Disponível em: <<http://www.marinacolasanti.com/2017/06/cronica-de-quinta-vidas-em-voo.html>>. Acesso em: 13 set. 2017. Fragmento.

08) Qual fato deu origem a essa história?

- a) A narradora compreender que cada pessoa tem histórias interessantes a contar.
- b) A narradora notar que o gato do chef italiano está em seus pés a bordo do avião.

- c) A senhora sentada ao lado do chef contar que faz trabalho voluntário na África.
- d) A senhora sentada ao lado do chef levantar-se para descansar no corredor do avião.

09) De acordo com esse texto, infere-se que a narradora:

- a) Encontra-se sonolenta devido ao cansaço.
- b) Gosta da presença de animais em viagens aéreas.
- c) Sente-se orgulhosa por ajudar as pessoas.
- d) Valoriza as histórias de vida de outras pessoas.

Leia o texto abaixo.

Desde pequeno, tive tendência para personificar as coisas. Tia Tula, que achava que mormaço fazia mal, sempre gritava: “Vem pra dentro, menino, olha o mormaço!” Mas eu ouvia o mormaço com M maiúsculo. Mormaço, para mim, era um velho que pegava crianças! Ia pra dentro logo. E ainda hoje, quando leio que alguém se viu perseguido pelo clamor público, vejo com estes olhos o Sr. Clamor Público, magro, arquejante, de preto, brandindo um guarda-chuva, com um gogó protuberante que se abaixa e levanta no excitamento da perseguição. E já estava devidamente grandezinho, pois devia contar uns trinta anos, quando me fui, com um grupo de colegas, a ver o lançamento da pedra fundamental da ponte Uruguaiana-Libres, ocasião de grandes solenidades, com os presidentes Justo e Getúlio, e gente muita, tanto assim que fomos alojados os do meu grupo num casarão que creio fosse a Prefeitura, com os demais jornalistas do Brasil e Argentina. Era como um alojamento de quartel, com breve espaço entre as camas e todas as portas e janelas abertas, tudo com os alegres incômodos e duvidosos encantos de uma coletividade democrática. Pois lá pelas tantas da noite, como eu pressentisse, em meu entredormir, um vulto junto à minha cama, sentei-me estremunhado¹ e olhei atônito para um tipo de chiru², ali parado, de bigodes caídos, pala pendente e chapéu descido sobre os olhos. Diante da minha muda interrogação, ele resolveu explicar-se, com a devida calma:

– Pois é! Não vê que eu sou o sereno...

*Glossário:

1 estremunhado: mal acordado.

2 chiru: aquele que tem pele morena, traços acabocladados (regionalismo: Sul do Brasil).

QUINTANA, Mário. As cem melhores crônicas brasileiras.

10) Da leitura da crônica de Mário Quintana, pode-se inferir que:

- a) O narrador registra com estranheza sua tendência para personificar as coisas.
- b) O narrador registra um traço seu quando menino superado na vida adulta.
- c) O narrador participa de evento solene em uma cidade na condição de jornalista.
- d) Já adulto o narrador tem pesadelos com os personagens imaginários da infância.